

Entrevista com Li Changsen

Maria de Lurdes Nogueira Escalera

*Tal qual a distância para a estrelas
o caminho também será longo
para a lusofonia¹*

Em 2002, Steiner² afirmava não existirem teorias da tradução porque o que a realidade comporta são *descrições refletidas de certos procedimentos... de narrações da experiência vivida, notações heurísticas ou amostras do trabalho em curso*. Ao aceitar-se a impossibilidade de uma teoria da tradução, no sentido restrito do termo, está a afirmar-se que os *mecanismos cerebrais que a deveriam fundamentar ou explicar são pura e simplesmente inacessíveis* e só poderão existir relatos da *práxis* (STEINER, 2002:20).

A partir desta perspetiva considera-se importante dar a conhecer a experiência de tradutores, questionando-os sobre o caminho que os levou à tradução e a própria caminhada pela tradução em si mesma. É neste contexto que se insere a *conversa* com Li Changsen, mais conhecido por James Li, tradutor, professor, poeta, pintor, jornalista e, sobretudo, um *coração chinês na lusofonia* e, como o próprio afirma, um homem que ama a vida e que sente ínfimo perante a grandeza do universo.

Li Changsen³, publicou, em 2012, a sua antologia de poemas, *Um coração chinês na lusofonia* e, através de poemas e pinturas, também estas da sua autoria, vai desvendando a sua vida de viajante entre mundos, línguas e culturas.

1 Excertos de poemas da autoria de Li Changsen – Um coração chinês na lusofonia, 2012, Macau, IPM.

2 STEINER, G. (2002) *Depois de Babel – Aspectos da Linguagem e da Tradução*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

3 O livro *Um coração chinês na lusofonia*, publicado em 2012 pelo Instituto Politécnico de Macau e da autoria de Li Changsen, tem importantes relatos da história do ensino da língua e cultura portuguesas na China e constitui-se como uma radiografia da vida do autor enquanto tradutor, intérprete e jornalista que

James Li afirmou-nos estar a sua vida expressa nesta antologia poética e não ser necessário qualquer entrevista, porque nada mais haveria a acrescentar. Aceitámos o repto e encetámos um *diálogo* com James Li, tentando descortinar as respostas na sua autobiografia, nos poemas da sua autoria, um espelho da sua alma, e nos registos dispersos pelos jornais, bem como, nos artigos publicados em várias revistas. Por último, em discurso direto com James Li⁴, preenchemos lacunas e imprecisões da nossa pesquisa, para trazermos junto do leitor a vida de um coração chinês que dedicou toda a sua vida à lusofonia.

Li Changsen (James Li) nasceu na Província de Jilin, nordeste da China, licenciou-se em Estudo da Língua e Cultura Portuguesas pela Universidade de Comunicação da China e doutorou-se em História Chinesa pela Universidade de Jinan. Ao longo dos mais de quarenta anos, tem-se dedicado a atividades nas áreas do jornalismo, tradução e interpretação, ensino de mandarim e de português e à investigação em linguística, tradutologia, macaologia, comunicação social, história do intercâmbio das culturas sino-ocidentais e estudos comparativos das línguas chinesa e portuguesa.

Para além dos inúmeros cargos ocupados no âmbito de associações, centros de investigação, etc., destaca-se o seu papel enquanto Coordenador e docente do Curso de Tradução e Interpretação Chinês-Português da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau.

Li Changsen é tradutor, jornalista, professor, poeta, pintor, músico..., um homem multifacetado que ama a vida, uma pessoa curiosa e atenta a tudo o que o rodeia, de modo a tirar o máximo de cada momento, fala-nos da sua vida e dos seus projetos para o futuro.

À conversa com James Li...

Sendo natural de uma cidade do nordeste da China, como é que, em meados do século passado, descobre a língua portuguesa?

Num belo dia de calor de julho de 1965, estava a reparar o fogão da cozinha lá de casa. Já tinha terminado o ensino secundário e participado no exame de admissão nacional. No momento de tirar um tijolo quebrado da fornalha, chegou o

trabalhou em diferentes contextos e vários países de língua portuguesa, nomeadamente, na Guiné e em Angola.

4 Entrevista realizada a 26 de abril de 2013, em Macau.

carteiro e chamou pelo meu nome. Depois de ter assinado um impresso, de mãos sujas, recebi uma carta registada; era o comunicado de admissão, informando-me que tinha sido chamado para a Faculdade de Línguas Estrangeiras do Instituto de Radiodifusão de Pequim, uma universidade de primeira categoria. Naquela época, estudar em Pequim era o sonho de todo o jovem chinês e, também, tinha sido sempre o meu sonho. A China tinha, por ano, mais de um milhão de finalistas do secundário. Era uma grande honra para qualquer aluno ser selecionado e ir estudar para Pequim.

Tinha-se candidatado ao curso de Língua e Cultura Portuguesas?

Não. Nos anos 60, muito pouca gente tinha ouvido falar de Portugal na China. Eu adorava artes e, antes do exame nacional, fui convidado pelo Instituto de Belas Artes de Xi'an e pelo Grupo de Teatro da Força Aérea da Região Militar para estudar belas artes ou ser ator. Os meus trabalhos pictóricos e uma peça de teatro criada por mim tinham sido premiados em vários concursos locais. Recusei ambos os convites e desisti da carreira artística, pois, naquela altura, achei que enveredar pelas artes não me iria permitir ajudar a minha família a livrar-se da miséria⁵. O meu desejo era aprender francês, língua que para mim era a mais bonita do mundo, pois nunca tinha ouvido falar dessa tal língua portuguesa. Depois de ter recebido o comunicado de admissão, preparei-me para partir para a capital munido de uma mochila, uma bacia e uma caneta de marca nacional *Herói*, com que sempre tinha sonhado durante o secundário. Uma viagem de mais de 20 horas, mas nem senti o cansaço. Quando cheguei ao Instituto da Rádio Pequim, um funcionário informou-me que ia aprender português. Ainda questionei: língua portuguesa, o que é? Responderam-me que era a língua de Portugal. Eu voltei a perguntar: Portugal, onde fica isso? Explicaram-me que era um país da Europa e, assim, foi. Escolheram por mim. Fui obrigado. O meu destino ficou traçado. Foi assim, por acaso, que descobri a língua portuguesa.

Como reagiu a essa notícia de ter de enveredar pelo estudo de uma língua da qual nunca tinha ouvido falar?

5 Li Changsen refere várias vezes a figura materna que, após a morte do marido, se viu obrigada a trabalhar na estação de comboios para sustentar a família. A oportunidade de ir estudar para Pequim é vista como uma honra mas, também, como uma preocupação porque implicava uma separação da família e um sacrifício económico muito grande para a sua família. Tendo consciência das dificuldades da família Li, desde jovem, que tentou trabalhar como fogueiro, o que lhe foi recusado por ser ainda muito novo, e como trabalhador numa obra. Antes da partida, trabalhou nas obras, a remover túmulos anónimos, o que lhe permitiu ganhar para pagar a viagem e, ainda, adquirir alguns materiais escolares.

Fiquei um pouco assustado mas, hoje, penso que a partir dessa data o meu destino ficou estreitamente ligado à lusofonia. Em 1965, o Instituto da Rádio Pequim criou duas turmas de língua portuguesa e eu fui colocado na turma 6512, com o professor Sócrates de Oliveria Dáskalos, de Angola. Quando comecei a aprender português não tinha ideia nenhuma nem possuía o mínimo conhecimento prático sobre esta língua e, também, não conhecia nada de Portugal, para além de saber que era um pequeno país da Europa. Pouco a pouco, com os ensinamentos dos meus professores brasileiros, fui aprendendo muitas coisas sobre a língua e a cultura lusófonas. A partir daí, foi um passo para começar a gostar de uma língua que, hoje, considero maravilhosa.

Nessa altura, como era estudar português na China?

Não havia condições para aprender a língua portuguesa e, em Pequim, não havia oportunidades para praticá-la. As condições de estudo eram péssimas. O docente tinha que ser contratado por um país terceiro, pois a China não tinha relações diplomáticas com Portugal nem com o Brasil e, os outros países, ainda estavam sob o jugo da dominação portuguesa. Os professores eram contratados no Brasil, através de processos especiais, entre os membros do Partido Comunista do Brasil. Eram recrutadas pessoas de várias áreas e não necessariamente professores, por exemplo, engenheiros, jornalistas, bailarinas, etc. Davam aulas auxiliados por docentes chineses, inclusive de Macau, mas alguns destes professores auxiliares só falavam espanhol. Por exemplo, uma docente brasileira, engenheira, dava aulas em francês e uma colega chinesa ia traduzindo a aula para chinês. Não tínhamos materiais pedagógicos, os textos de estudo eram editoriais ou memórias revolucionárias estampadas na imprensa chinesa e traduzidos para a língua portuguesa, repletos de *slogans* políticos. Só tínhamos um gravador velho e pesado, de fita magnética, para escutar os discursos políticos de importantes figuras portuguesas ou brasileiras, gravados a partir da emissora, e um antigo projetor de slides que os professores trouxeram do Brasil. Durante a *grande revolução cultural*, iniciada em 1966, fomos mandados, durante oito meses, para o campo aprender o *espírito revolucionário* com os agricultores e as aulas de português eram dadas num templo, antigo e abandonado, da aldeia Gu Dian. A única forma de praticar a língua era com os professores, até porque, naquela altura, na China era difícil encontrar alguém que falasse português.

Qual o lugar do ensino de tradução no curso que frequentou?

O curso era para ensinar a língua portuguesa e não havia nenhuma disciplina de tradução. Depois de nos formarmos e quando iniciávamos uma atividade profissional, então, é que tínhamos contacto com a tradução e a interpretação. Aprendíamos tradução na prática, no exercício da profissão, isto é, durante o curso aprendíamos a língua portuguesa e, a partir daí, éramos selecionados para lugares onde tínhamos de fazer tradução e interpretação chinês-português.

Como se fez o seu primeiro contacto com o mundo de trabalho da tradução?

Após terminar o curso de português, fui trabalhar para a Rádio Pequim, na secção da língua portuguesa, onde me dediquei à tradução, apresentação de notícias e à composição de reportagens⁶. Considero que este foi um período profícuo porque contribuiu para melhorar o meu nível de português e, também, foi o meu primeiro contacto a nível profissional com a tradução e a interpretação.

Qual foi o seu primeiro trabalho de tradução, a nível profissional?

A primeira prova foi a tradução de um grande texto do Jornal *Reminribao* intitulado “Internacionalismo ou Revisionismo?” que foi transmitido, na emissão em língua portuguesa, na Rádio Pequim, por altura das comemorações do 100º aniversário da Comuna de Paris de 1871. Considero que foi uma experiência dura e gloriosa. Dura, porque o texto era de tal forma longo que levou uma hora e meia a ser transmitido na emissora; gloriosa, porque se tratava de um importante trabalho político, apenas confiado a tradutores competentes e experientes dos diversos departamentos de línguas estrangeiras e o facto de me terem incumbido desta tradução comprova que o meu trabalho era reconhecido pela Rádio Pequim.

Depois dessa experiência, e ao longo dos seus 40 anos de profissão, onde exerceu a sua atividade profissional?

Em 1973, tive a oportunidade de ir para a África, durante dois anos trabalhei como intérprete em centros de treino militar em Ngagau, no sul da Tanzânia, para

6 Algumas das reportagens, em português, foram premiadas: O Sol poente é mais radiante – a vida dos residentes aposentados de Pequim (1984); Comemoração do 25º aniversário da emissão do programa da língua portuguesa (1985); A exposição comercial do Brasil em Pequim (1986); Série de reportagens musicadas – Comemoração do 100º aniversário do nascimento do compositor brasileiro Villa-Lobos (1987); O Presidente moçambicano em Chengdu (1988); Programa especial do ano novo de 1990 (1991).

onde os guerrilheiros da Frelimo e do Movimento Popular de Libertação de Angola eram enviados. Eu interpretava as técnicas aos combatentes, mas também tinha que trabalhar arduamente a tratar dos campos e dos animais, fazíamos tudo o que era preciso para garantir o nosso autosustento. De seguida, fui para a Guiné-Bissau e, depois, voltei para a Rádio Pequim. Em 1990, vim para Macau e, durante mais de vinte anos, tenho-me dedicado à tradução, à docência, no Instituto Politécnico de Macau e, nos últimos dez anos, à investigação sobre a lusofonia.

Como se dá a sua vinda para Macau?

Em 1990, fui destacado para Macau a fim de colaborar na tradução jurídica. Foi uma experiência nova. Comecei a lecionar no Instituto Politécnico de Macau. Curiosamente, não iniciei a minha carreira como professor de português mas sim de mandarim e, também, dirigi um curso de mandarim na TV educativa de Macau. No Instituto Politécnico de Macau ocupei vários cargos no âmbito do ensino da tradução, dou aulas de técnicas de tradução chinês-português, considero que as minhas aulas são um autêntico testemunho vivo. Nos últimos dez anos, tenho-me dedicado à investigação nas áreas da linguística, tradutologia, macaologia, comunicação social, história do intercâmbio das culturas sino-ocidentais e estudos comparativos das línguas chinesa e portuguesa.

Esteve em África, durante a revolução cultural, em missões com um pendor político. Como é que entendeu o seu trabalho de intérprete durante esse período?

Eu era muito jovem e encarei este trabalho como uma missão⁷. Ao despedir-me, no aeroporto de Pequim, perguntava-me: Porque tenho de ir? E a resposta surgiu clara ao meu espírito: Porque tudo é para a Mãe Pátria e para os países africanos de língua portuguesa. Durante esse tempo, senti muitas saudades de casa e da família, mas estava convicto de ter o firme apoio de oitocentos milhões

7 Vários poemas da obra *Um Coração Chinês na Lusofonia* retratam esta vivência em África, nomeadamente, o sentido de missão, a saudade da família e da China e as condições difíceis que teve que enfrentar durante eses anos em que esteve ao lado dos soldados, em Angola, ou dos agricultores, na Guiné. As dificuldades são uma constante nos poemas mas nunca são retratadas como algo de negativo mas como uma oportunidade de prestar uma missão e de aprendizagem.

8 O poema intitulado *À Pátria* (LI, 2012, pp. 75-87) traça o percurso e o sentir de Li Changsen relativamente à sua missão em África, que ele entende como algo de maior e que, apesar dos sacrifícios que exige, o honram e o fazem sentir o apoio de todo o povo chinês.

de chineses. A vida era difícil e trabalhei arduamente, mas todos os sacrifícios eram em nome da revolução. Aprendi muito no convívio com os guerrilheiros e com o povo da Guiné-Bissau. Nessa altura, percebi estarem os povos chinês e luso-africano unidos como um só homem, serem povos irmãos entre os quais se estabeleceu uma relação de amizade e de confiança mútua.

Tendo em conta a sua experiência pessoal, acha que a escola prepara para o mundo real de trabalho?

Para responder a essa pergunta gostava de contar a minha experiência quando, em 1973, fui trabalhar para a África, como intérprete, num centro de treino militar. No primeiro dia em que fui ensinar aos guerrilheiros palavras técnicas e militares, percebi que nem mesmo em chinês dominava esses vocábulos, o que tornou esta minha missão algo muito complicado. Nessa altura, senti que tinha de adquirir mais prática e desistir da vaidade e do mimo; precisava de me esforçar mais para acompanhar os treinos.

Que estratégias utilizou para ultrapassar as dificuldades?

Tal qual a distância para as estrelas também o caminho para a lusofonia é longo, por isso, envidei todos os esforços para continuar a minha aprendizagem: procurava livros e jornais que falassem de Portugal, sentia muito curiosidade acerca desse país do qual sabia tão pouco. Quando estive na Tanzânia comecei a ler romances e poesia em português. Li muitas obras literárias⁹ e comecei a aprender e, posteriormente, a escrever poemas em português¹⁰. Nos campos de treino aprendi imensas coisas sobre guerra. Em 1980, fui como intérprete para a Guiné, ensinar a plantar cereais, onde mantive contacto com o povo, conversava com as pessoas e conheci o quotidiano de várias etnias. Na minha segunda passagem pela Rádio Pequim tive como tarefas a tradução, locução, elaboração de programas e a composição de reportagens o que me deu a oportunidade de acompanhar figuras importantes dos países lusófonos de visita à China e de personalidades chinesas nas suas visitas oficiais a Portugal e a vários países lusófonos. Aproveitei todas as

9 Da literatura portuguesa, James Li prefere a poesia ao romance; é admirador de Fernando Pessoa e gosta de José Saramago, de Eça de Queiroz aprecia *Os Maias* que considera semelhante a alguns romances da China: três gerações que sofreram um destino diferente.

10 O autor afirma que dois terços dos poemas incluídos na sua antologia poética foram escritos em português e só um terço é que foi traduzido do chinês para português.

oportunidades para alargar os meus conhecimentos em várias áreas e, sobretudo, das língua e cultura portuguesas. Para além disso, o estágio de três meses na Rádio Difusão Portuguesa em Lisboa e a estadia de um semestre como docente da Universidade do Minho foram excelentes oportunidades para conhecer de perto a cultura lusitana, a sociedade ocidental e a vida do povo. Do Algarve ao Minho, percorri quase todo o território de Portugal continental. Para ser franco, a aquisição de conhecimentos lusófonos foi maior do que a de técnicas radiofónicas. Aprendi muito durante as várias viagens que efetuei, por exemplo, a minha primeira viagem para a Guiné-Bissau foi uma aula colorida em que pude adquirir muitos conhecimentos que não se aprendem na escola. Para aprofundar os meus conhecimentos desta língua e conhecer mais da lusofonia, não desperdicei nenhuma oportunidade de poder contactar e conviver com os povos da língua portuguesa. O poeta Liu Yi disse que *Um sábio tem que ler dez mil livros e viajar por dez mil lis¹¹ de caminho* e isto, também, se aplica à aprendizagem de uma língua e da tradução.

Na altura em que iniciou a sua carreira como tradutor, havia poucas pessoas a falar português. De que forma é que isso se refletiu na sua vida profissional?

De forma positiva porque tive inúmeras e ricas experiências, acompanhei muitas visitas oficiais de personalidades da China e dos países lusófonos e conheci os países lusófonos. Lembro-me da primeira visita do Presidente chinês a Portugal, em que fui o responsável pela cobertura desta importante visita. Eu andava de microfone na mão, trabalhava dia e noite sem parar, voava entre Lisboa e Porto e ajudava os colegas da CCTV e de outros meios de comunicação social da China. Nunca tive uma jornada tão intensa porque era o único jornalista chinês que falava a língua portuguesa e tinha que acudir a todas as situações.

Quando fala de Portugal pode sentir-se o seu entusiasmo e emoção. Qual a sua relação com este país que lhe era desconhecido ao iniciar os seus estudos universitários?

Já visitei muitos países, mas a nenhum deles fui tantas vezes como a Portugal, país que conheço do Algarve ao Minho, de Peniche a Castelo Branco¹². Grande

11 *Li* é uma medida chinesa que corresponde a uma distância de 500 metros. (Citação e explicação em Li, 2012)

12 No já aludido livro de poesia (Li, 2012), tanto nos poemas como nas aguarelas, sucedem-se os relatos de viagens a Portugal e a descrição de paisagens de Portugal: uma viagem em solidão, Monte do Bom Jesus, A lua de Braga, aldeia de pedra, Porto, Vila Real, Barcelos, Santa Luzia, Viana do Castelo, etc, etc, etc.

parte dos meus amigos é portuguesa. Conheci famílias e pessoas fantásticas. Posso dizer que, depois da China, Portugal é o país que melhor conheço no mundo. Gosto muito desse país. Desde a primeira vez que visitei Portugal este pequeno país passou a ser a menina dos meus olhos. Um país pequeno, com uma paisagem fantástica e diversificada e um mar azul que chega a emocionar-me. Tenho boas recordações do tempo em que ensinei mandarim e cultura chinesa na Universidade do Minho. Estou convicto de que Portugal é a minha *segunda terra*.

Com uma vida profissional tão intensa, gostaria de assinalar algum momento especial na sua carreira?

Dia 13 de abril de 1987 representa um marco importantíssimo, pois, nesse dia, estive no Grande Palácio do Povo em trabalho e pude testemunhar a assinatura da declaração conjunta luso-chinesa, sobre a questão de Macau.

Em que áreas tem feito tradução e interpretação?

Durante a minha estadia em África as áreas de trabalho foram a guerra e a plantação de cereais, na Rádio Pequim, dediquei-me às notícias, reportagens, e entrevistas. Fui cotradutor e revisor de *Raid Aéreo – de Sagres a Macau* (1998), de *Lendas Chinesas de Macau* de Luís Gonzaga Gomes (2002) e tradutor principal e revisor de *Nam Van – Contos de Macau* de Henrique de Senna Fernandes (2004).

Eu fiz muitas traduções ligadas a muitas áreas, tais como, literatura infantil, manuais técnicos, agricultura, indústria, têxtil mas, depois de chegar a Macau colaborei em muitas traduções quer traduzindo uma parte ou como conselheiro. Em Macau, a maioria das traduções que fiz é na área jurídica, Lei Básica, outras leis, Código Penal, Código Civil, etc. Também traduzi documentos históricos, nomeadamente para a Revista de Cultura. Entre essas traduções aquela a que dediquei mais força e energia foi *Nam Van – Contos de Macau*.

Pode-se ser em simultâneo tradutor e intérprete ou devem ser duas profissões que devem ser exercidas em separado?

Depende. No caso de Macau estamos perante uma situação muito particular de presença de muitas culturas diferentes. Macau tem uma longa história da tradução. Claro, existe sempre uma diferença entre intérprete e tradutor, mas em Macau fala-se cantonês e a língua falada e a escrita são duas coisas diferentes; em

mandarim também há a língua falada e a escrita, mas são próximas, ou seja, quando se ouve algo em mandarim podemos transcrever e fica um texto, mas em cantonês não, por isso, na história de Macau houve sempre o intérprete e tradutor. Quando se traduz entre português e cantonês é preciso ter em conta que o cantonês é uma língua falada que não corresponde a caracteres próprios e para se conseguir um documento escrito é preciso um bom domínio da língua escrita, para traduzir da língua falada para a escrita.

Tradução ou Interpretação? Qual destas é a sua atividade preferida?

Isso depende. Quando era jovem fazia ambas porque a interpretação depende da energia, capacidade de reação e da facilidade de expressão oral. Muitas vezes, uma pessoa pode traduzir muito bem, mas quando começa a falar é pior, por isso, depende de cada caso e, no meu caso, quando era jovem, gostava de traduzir e de fazer interpretação. Quando estive em África a maior parte do meu trabalho era de interpretação, tinha que acompanhar as aulas e servir de intérprete entre professor e alunos, mas, agora, como esta idade, ouvido, capacidade de reação, agilidade do pensamento não são tão bons como quando era jovem e, daí que, não é que eu goste mais de tradução do que de interpretação mas, a tradução, é a única saída nesta idade. Ser intérprete é bom quando se tem 20, 30 ou 40 anos, mas um intérprete de 60 ou 70 anos? Não dá, falta a energia necessária para se ser um bom intérprete.

Gosta mais de traduzir de chinês para português ou o contrário?

Depende. Pela minha experiência penso que quando uma pessoa é jovem ou recém formada, normalmente, acha que traduzir de português para chinês é fácil e, depois de fazer uma tradução, tem um tipo de sentimento de orgulho, sente que já sabe traduzir de português para chinês mas, para mim, quando se tem mais experiência vemos que traduzir de português para chinês é difícil. Agora, eu vou reler as minhas traduções de há 20 anos e tenho vergonha... Naquela altura, ainda não entendia a história de Macau, não entendia a comunidade macaense e, também, não conhecia muito bem as culturas de Cantão.

Acha que as teorias ajudam a traduzir melhor? Segue alguma teoria?

Devido às diferenças culturais entre a cultura portuguesa e a oriental muitas teorias ou pontos de vista da visão ocidental não servem para a tradução chinês-

-português, mas é importante conhecer a teoria geral de tradução. No meu caso, só depois de chegar a Macau, nomeadamente, depois de começar a trabalhar no IPM é que iniciei o estudo das teorias da tradução. Dei aulas de tradutologia e prática de tradução no IPM. A teoria é importante mas, apenas a teoria, não pode resolver todos os problemas que surgem no processo de tradução, porque para ser um bom tradutor as duas coisas mais importantes são: primeiro, tem que dominar muito bem a línguas, tem que dominar bem a Língua de Chegada e a Língua de Partida e, em segundo lugar, tem que conhecer profundamente as duas culturas. Afinal, tudo depende da prática. O tradutor precisa de ler, viajar, ver e se conhecer bem a língua e tiver um profundo conhecimento da cultura, então, já tem as duas principais condições para fazer traduções de qualidade. Tradução é uma coisa muito complicada; no mundo há mais de 6 mil línguas e um bom tradutor o máximo que pode dominar são 3 ou 4 línguas. Para além disso, a tradução em cada par de línguas tem as suas próprias características; as línguas e as combinações linguísticas são inúmeras, são milhões de combinações, por isso, acho que a teoria geral pode orientar a tradução mas a prática é imprescindível. A tradução entre o espanhol e o português é fácil, porque a gramática é quase igual, mas entre português e chinês a maneira de pensar, tudo é diferente; mesmo na língua chinesa, antes de 1919 usava-se o chinês clássico e a língua chinesa moderna ainda não tem 100 anos, a estrutura, o texto, são completamente diferentes do que eram há um século atrás. A teoria não pode cobrir tudo, por isso, eu dava aulas de tradutologia mas só explicava a teoria geral, porque tudo depende da prática, tudo depende da técnica.

Após mais de 40 anos de profissão, das traduções que tem no seu currículo, alguma pela qual tem algum apreço ou orgulho em especial?

Isso depende dos diferentes níveis porque, quando não tinha um bom nível de tradução, fazia traduções simples mas, a pouco e pouco, fui melhorando o meu nível e comecei a traduzir trabalhos mais complexos. De todas as traduções a obra que me deu mais gosto traduzir foi *Nam Van – Contos de Macau*, do escritor macaense Henrique de Senna Fernandes.

Gostaria de traduzir alguma obra em especial? Alguma tradução na qual gostaria de ter seu nome?

Gostava de traduzir mas, agora, não quero fazer mais porque tradução é uma coisa muito difícil; tradução é traição, é um tipo de trabalho criador. Por exemplo, o célebre escritor chinês, Mo Yan, o ano passado foi galardoado com o

prémio Nobel da literatura, o que constitui uma grande honra para ele e para toda a China, porque é a primeira vez que um chinês, a residir na China, foi galardoado com esse prémio. Claro que o romance é bom mas, se ele conseguiu o Nobel, o mérito pertence ao tradutor, o romance em chinês é agora um romance em inglês, mas, em inglês, sem dúvida que é um tipo de criação nova.

A tradução não é uma coisa simples, não é por trabalhar há mais de 40 anos na tradução chinês-português que posso traduzir mais rápido porque quanto mais velho mais cauteloso, não se podem fazer as coisas com tanta pressa. Há 20 anos, logo depois de chegar a Macau, traduzi muitas coisas de história para a Revista de Cultura de Macau mas, depois destes 20 anos, às vezes, quando leio essas traduções, vejo que há coisas que é pena, é lamentável, porque é que eu tinha tanta pressa para traduzir? Literalmente não está errado mas, hoje em dia, depois de passarem 20 anos, depois de conhecer Macau e a história de Macau vejo que a tradução que fiz naquela altura não está correta.

Agora, não está nos meus planos dedicar-me à tradução. Se tiver interesse eu quero traduzir as minhas próprias coisas para a língua portuguesa. Não quero traduzir nada; traduzir é um trabalho muito difícil e é pena que, mesmo agora, muita gente não perceba isso e pense sempre que por as pessoas escreverem ou falarem duas línguas já podem ser tradutores.

Muita gente pensa que a tradução dá muito dinheiro e já me aconselharam que como estou reformado posso ganhar muito dinheiro a traduzir ou criar uma empresa de tradução para ganhar dinheiro mas não, eles não entendem o que é traduzir nem a complexidade do processo tradutório.

Foi o tradutor principal na tradução de “Nam Van – contos de Macau” de Henrique Senna Fernandes. Como foi essa experiência e quais os principais problemas com que se deparou no processo tradutório?

O tradutor não é uma máquina que traduz, por exemplo, tem a palavra lápis e procura o equivalente em português... mas, não é isso, tradução não é traduzir uma palavra pelo seu equivalente na outra língua.

Quanto aos contos de Henrique de Senna Fernandes, num total de seis, eu traduzi cinco contos. A história é simples, não são muito difíceis de entender, mas eu dediquei mais esforço porque acho que para os traduzir é preciso conhecer o que está por detrás da história. Por exemplo, é preciso conhecer a cultura e a história macaense, o tempo em que os personagens viveram e como era Macau nessa época, como viviam as pessoas; por isso, naquela altura, quando me pediram para fazer esta tradução eu não comecei logo a traduzir. Disseram-me que tinham

urgência porque queriam publicar a versão chinesa o mais rápido possível, mas eu sabia que não era possível começar logo a traduzir; só depois de fazer o trabalho de pesquisa, de ler, estudar, investigar muita coisa, só 4 meses depois, comecei a traduzir o primeiro conto.

O que pensa da tradução literária em Macau?

A tradução em Macau não é ideal mas Macau tinha glória na tradução, por exemplo, os padres jesuitas fizeram tantas traduções de qualidade que impulsionaram o desenvolvimento de toda a China; muitos padres jesuitas introduziram novas tecnologias na China através da tradução de obras do Ocidente para chinês, no séc. XIX muitos macaenses foram excelentes tradutores, Luís Gonzaga Gomes, Nolasco da Silva... eles também falavam cantonês, não viveram em Pequim durante muito tempo mas as traduções são perfeitas. Contudo, hoje em dia, é necessário melhorar a qualidade das traduções. Quando à tradução literária também não é a ideal. Por exemplo, *A tancareira* já tinha várias versões antes de eu fazer a tradução, mas não tinham qualidade, tanto a nível de linguagem como de aspetos culturais subjacentes ao conto... mas isso depende de um conhecimento profundo da língua e da cultura .

Traduzir poesia? Acha que traduzir poesia é uma tarefa quase impossível?

Ao traduzir um poema clássico para um soneto português, ou vice-versa, não é nada fácil conjugar as duas regras, tendo por base duas culturas completamente diferentes mas, ainda assim, julgo que os poemas, quer sejam em chinês ou português, poderão expressar os mesmos sentimentos humanos. Isto constitui uma importante base de aproximação das raças e culturas, tal como referiu o célebre Padre Benjamim Videira Pires: *Os extremos conciliam-se!*

Eu tenho essa ideia de traduzir os meus poemas, mas traduzir poesia não é fácil e mesmo traduzir os meus próprios poemas é difícil, porque a língua portuguesa não é a minha língua materna e o poema ocidental, nomeadamente o poema em português, é diferente do chinês. Tenho bastante conhecimento sobre regras de poemas em chinês, mas em português para mim é uma área que não conheço bem, por isso, não vai ser fácil; claro tenho essa ideia, tenho esses planos mas isso também depende da minha energia e tempo.

Um dos seus interesses é estudar a história da tradução em Macau. O que pensa do panorama da tradução em Macau?

No séc. XVI os primeiros intérpretes, chamados de *jurubaças* e chineses residentes de Malaca, deram início à atividade da tradução no território. Seguiram-se quatro séculos de tradutores, em que estes *jurubaças* foram a Pequim e apresentaram o português ao imperador. Nessa mesma altura, surgem Matteo Ricci e os outros missionários jesuítas. Durante o séc. XVII é criado o Leal Senado, onde os procuradores, normalmente, entendiam a língua chinesa. Em 1627, foi publicado um documento que estabelecia um contingente de tradutores, de origem chinesa, e, no fim do séc. XVIII e início do séc. XIX, ocorreu uma mudança e, nessa altura, os tradutores eram, na sua maioria, macaenses, tais como, Pedro Nolasco da Silva, Carlos d'Assumpção ou José Vicente Jorge. Eram ótimos tradutores e, também, sinólogos. Macau tem hoje, como nunca, necessidade de bons trabalhos de tradução e isto devido ao rápido desenvolvimento, à globalização e, também, às características únicas da RAEM¹³, uma parte da China onde vigora o direito de matriz portuguesa. É necessário o aperfeiçoamento contínuo dos sistemas de tradução porque, neste momento, para uma boa administração, para uma boa gestão de toda a sociedade, é preciso estabelecer ou criar um sistema perfeito de tradução. Acho que, agora, o Governo da RAEM dá mais atenção do que antes à preparação e formação de talentos bilingues e o IPM tem um papel importante a desempenhar, na área da formação de tradutores.

Para além da sua antologia poética já publicou vários livros, quais e que assuntos abordam?

Em 1996, dei aulas de mandarim na TV educativa de Macau e desse projeto resultou a publicação de um manual de Mandarim Nível I. Em 2002, fui autor principal de *Aspectos teórico-práticos de tradução português-chinês*, primeiro compêndio do género publicado em toda a China o qual foi considerado um dos melhores resultados de investigação em ciências sociais e humanas, de Macau. Nos últimos dez anos, para além das aulas de tradução, dediquei-me à investigação sobre a lusofonia, nomeadamente, aos aspetos da influência portuguesa no mundo e da história de Macau. No seguimento deste trabalho de investigação, publiquei dois livros: *Formação, evolução e migração da comunidade macaense durante as dinastias Ming e Qing* (2007) e *História Contemporânea da Imprensa Estrangeira de Macau* (2009). Também proferi mais de uma centena de comunicações em conferências nacionais e internacionais as quais foram publicadas em revistas académicas. Para além disso, fui editor executivo de alguns livros e revistas publicados entre 1995 e 2012.

13 Sigla para a Região Administrativa Especial de Macau (N.E.)

Tradutor, professor, jornalista, pintor, poeta e músico. Qual a vertente em que mais se realiza como pessoa?

Eu não sou poeta nem pintor e, depois de enveredar pelo caminho da lusofonia, fui obrigado a deixar o pincel, pois a quantidade de trabalho e as inúmeras deslocações não me davam tréguas, não me deixavam tempo livre para dedicar à pintura. A arte é uma atividade de divertimento. Nunca aprendi nenhuma arte com profissionais. Simplesmente, desde pequeno que gosto de criar. Aos nove anos de idade uma pintura minha foi escolhida para participar na exposição internacional de pinturas infantis em Inglaterra. Aquilo para mim foi um grande estímulo. Depois de começar a trabalhar nunca me dediquei a nenhuma arte como profissão, mas, sempre, como passatempo. Trabalhei 40 anos como tradutor e intérprete e dei, durante muitos anos aulas de tradutologia e de técnicas de tradução chinês-português. Qual a atividade que representa mais na minha vida? Não sei. A vida do ser humano é curta. A diferença é que alguns a sabem aproveitar. No mesmo espaço de tempo alguns podem fazer muita coisa, outros menos. Se quiserem aproveitar plenamente a vida, os seres humanos têm que se dedicar ao maior número possível de atividades. Se assim fizerem, no fim da vida, não há lugar para arrependimentos, porque viveram plenamente.

O facto de ser tradutor e intérprete teve reflexos na sua obra artística, de poeta, pintor, músico, etc? Ou vice-versa?

Sim, está tudo ligado. Às vezes não me entendo muito bem a mim próprio. Quem sou eu? Sou uma pessoa que ama muito a vida... Do nascimento até à morte pode-se viver uns 80, 90 anos, mas isso, quando comparado com a grandeza do universo, é um abrir e fechar de olhos, é um desafio para cada um de nós: como passar esses anos? Comer, beber, ... é um modo.. mas eu acho que se uma pessoa nesta curta vida pode conhecer e fazer uma infinidade de coisas e, por isso, vale a pena. Daí que eu goste de tudo, tenho interesse por tudo, pintar, fazer versos, tocar instrumentos musicais, caligrafia, escultura, ... acho que isso é uma vida cheia.

Quais são os seus planos para o futuro?

Enquanto professor, quero transmitir às novas gerações as minhas experiências sobre a língua e cultura portuguesas e ensinar tudo o que fui aprendendo ao longo de 40 anos dedicados à tradução. Também, quero contribuir para ajudar

o povo chinês e os povos lusófonos a estreitaram relações, principalmente na área dos recursos humanos, formando mais tradutores e intérpretes, promovendo o intercâmbio cultural, tornando estes povos cada vez mais íntimos. Estou reformado, mas ainda não parei um minuto. Tenho vários projetos: visita a países lusófonos, edição de livros académicos, estudo da comunidade macaense e da história da tradução em Macau e, ainda, poesia, pintura, caligrafia, música... a agenda está bem preenchida.

Abandonou o seu sonho de seguir a área artística para enveredar por um curso que lhe propocionasse um futuro promissor e lhe permitisse ajudar a sua família. Conseguiu? Ou melhor, ser tradutor é uma carreira de sucesso?

Em chinês há um ditado que diz mais ou menos o seguinte: *a situação cria o herói*. Isso significa que, em muitos casos, não conseguimos dominar o nosso próprio destino, nomeadamente, em situações em que o poder é mais centralizado e há falta de liberdade, como no meu caso. Depois de fazer o exame de admissão não tive direito de escolher a minha área, mas não fiquei desiludido e de braços cruzados. É uma pena não podermos escolher o que gostamos, mas se conseguirmos aproveitar as oportunidades, então, transformamos o que inicialmente poderia parecer algo de negativo numa coisa boa, numa oportunidade única e positiva. Não foi uma escolha minha, mas depois de passarem estes 40 anos, acho que este caminho não foi um coisa má, pude fazer muita coisa para a lusofonia. Posso dar um exemplo, durante a revolução cultural, os intelectuais, os jovens estudantes universitários, foram obrigados a ir trabalhar no campo ao lado dos agricultores. Depois de terminar o curso universitário, fui enviado para África e, para além do meu trabalho de intérprete, tinha que fazer trabalhos físico, plantar milho para criar porcos, etc. Morávamos no mato, longe da cidade, e precisavamos de garantir tudo o que era necessário para a nossa sobrevivência.

Nessa altura tinha a obrigação de receber formação dos verdadeiros militares. Mao Tse Tung disse que os jovens intelectuais deviam aprender com os operários, os camponeses e os soldados e, como em África eram todos soldados e eu era o único intérprete, o intelectual, tinha que aprender com os soldados e aprender a fazer trabalhos físicos, por isso, tinha que trabalhar muito. Claro que não fazia todos esses trabalhos manuais por vontade própria, mas, depois de todos estes anos, quando recordo esses tempos, acho que foi uma experiência muito útil para formar o meu espírito, para ganhar a capacidade de persistência no trabalho. Temos sempre que ver as situações de vários ângulos.

Há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar?

Já passaram mais de 40 anos desde que iniciei a minha viagem pela lusofonia e, mesmo agora que estou aposentado, continuo a sentir energia e vontade para divulgar a língua portuguesa na Terra do Dragão, em prol do desenvolvimento dos laços de amizade entre os povos chinês e lusófonos.